

A “ressurreição da alma cabana”: as passeatas de protesto contra o Eixo na Belém da Segunda Guerra*

Geraldo Magella de Menezes Neto¹

Resumo: Há 70 anos a população brasileira saiu às ruas em várias cidades do país para protestar. O estopim para tal foram os afundamentos dos navios mercantes brasileiros pelos países do Eixo, especialmente da Alemanha e da Itália. As primeiras passeatas ocorreram em Belém do Pará, em fevereiro de 1942, seguidas de várias outras até o mês de agosto, quando o Brasil declara o estado de guerra. Nesse sentido, o artigo pretende analisar as passeatas de protesto contra o Eixo em Belém, para entender como aconteciam, quais seus participantes, os seus alvos, as suas finalidades e os seus significados no contexto da Segunda Guerra Mundial. *Palavras-chave:* *Passeatas; Protestos; Segunda Guerra Mundial.*

Abstract: 70 years ago the Brazilian population left to the streets in several cities of the country to protest. The fuse for such was the sinkings of the Brazilian merchant ships by the countries of the Axis, specially Germany and Italy. The first demonstrations took place in Belém, in the state of Pará, in February 1942, followed by several others until the month of August, when Brazil declared a state of war. In this sense, the article analyzes the protest marches against the Axis in Belém, to understand how happened, which the participants, their targets, their purposes and their meanings in the context of World War II.

Keywords: *Marches; protests; World War II.*

Introdução

O historiador inglês Eric Hobsbawm denomina o período 1914-1991 como o “Breve Século XX”. Segundo o autor, este século foi “marcado pela guerra”. Para Hobsbawm, não há como compreender tal período sem fazer referência ao grande conflito mundial. Para ele, viveu-se e pensou-se “em termos de guerra mundial, mesmo quando os canhões se calavam e as bombas não explodiam.” (HOBSBAWM, 1995: 30). Nesse sentido, o conflito mais marcante desse século parece ser a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). De fato, este foi o maior conflito na história da humanidade, no que tange ao número de países envolvidos, a tecnologia utilizada, as perdas humanas, e as transformações na geopolítica mundial que causou.

* Artigo submetido em 10 de maio/2013 e aceito para publicação em 19 de junho/2013.

¹ Mestre em História Social da Amazônia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Professor da Faculdade Integrada Brasil Amazônia (FIBRA). Professor da Secretaria Municipal de Educação de Belém (SEMEC) - distrito Mosqueiro. E-mail: geraldoneto53@hotmail.com

O Brasil também sentiu os efeitos da Segunda Guerra Mundial desde o seu início. A inicial postura de neutralidade entre 1939 e 1941 vai mudar quando o Japão ataca a base norte-americana de Pearl Harbor em dezembro de 1941, o que leva os Estados Unidos a entrar na guerra. Em janeiro de 1942 o Brasil decide pelo rompimento das relações diplomáticas com os países do Eixo – Alemanha, Itália e Japão - em solidariedade aos Estados Unidos.

Com o rompimento das relações, a Alemanha e a Itália enviam submarinos para o Atlântico sul para atacar navios que levavam suprimentos de guerra aos Estados Unidos. Desse modo, a partir de fevereiro de 1942 os navios mercantes brasileiros foram atacados pelo submarino alemão *U-432*, sendo o *Buarque* e o *Olinda* atacados respectivamente em 15 e 18 de fevereiro de 1942.

É nesse contexto que se iniciam as passeatas de protesto contra o Eixo em várias cidades brasileiras.² Tais ataques aos navios mercantes resultaram na morte de centenas de tripulantes e passageiros, provocando a indignação da população, que exigiu uma resposta do Estado Novo, ditadura comandada por Getúlio Vargas. Segundo João Falcão, “foi em Belém do Pará que se realizaram, no dia 24 [23] de fevereiro, os primeiros protestos contra o torpedeamento de dois navios mercantes brasileiros” (FALCÃO, 1999: 83).

O presente trabalho consiste em analisar as passeatas de protesto contra o Eixo ocorridas em Belém do Pará no ano de 1942.³ Como elas ocorreram? Quais os seus participantes? Quais as suas finalidades? Quem eram os seus alvos? Qual a representação das passeatas nos jornais e nas memórias das pessoas? Qual o significado das passeatas? Essas são algumas questões que nortearão o artigo.⁴

² Alguns trabalhos analisaram as passeatas ocorridas em várias cidades do Brasil. Sobre as passeatas ocorridas no Rio de Janeiro e o papel da UNE (União Nacional dos Estudantes) nesses protestos, ver MÜLLER, 2007; sobre as passeatas na cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, ver DALMOLIN, 2006; sobre as passeatas na Bahia, ver FALCÃO, 1999; sobre as passeatas em São Paulo ver ainda CYTRYNOWICZ, 2000.

³ Em relação aos protestos ocorridos no Pará, não encontramos pesquisas específicas, apenas algumas referências: Edilza Fontes destaca a importância da Rádio Clube (única rádio de Belém) na divulgação de passeatas e comícios, sendo também “o principal mecanismo de apelo junto às camadas populares”, além de dizer que o jornal *O Estado do Pará* era “o maior divulgador da guerra”. (FONTES, 2006: 250-251). Já Adrialva Simões analisa o papel da imprensa paraense, a partir do jornal *O Estado do Pará*, na divulgação da Segunda Guerra Mundial. As notícias do *O Estado do Pará* eram “sempre contra o Eixo e em prol do regime de governo ignorando a contradição da situação do Brasil a nível político vivendo num governo ditatorial e lutando pela democracia”. Simões aponta que a exaltação à “brasilidade” e a “democracia” eram itens importantíssimos na divulgação das passeatas, pois serviam para “dissimular a realidade das diferenças sociais, econômicas pela qual passava o Pará, dando um aspecto de coesão do povo paraense”. (SIMÕES, 1993: 27-28).

⁴ Utilizamos aqui a expressão “passeatas de protesto” baseado nas ideias de “protestos populares” ou “protestos de rua” de Eric Hobsbawm e George Rudé. Já Cátia Dalmolin, que analisa os protestos ocorridos na cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, utiliza o termo “comícios de brasilidade”. (DALMOLIN, 2006).

As fontes utilizadas serão edições do jornal *O Estado do Pará*, folhetos de cordel, entrevistas com pessoas que presenciaram as passeatas de protesto e um livro de memórias. Os jornais são importantes para se entender como ocorreram as passeatas, e os discursos utilizados contra os “súditos do Eixo”⁵. Para Lilia Schwarcz, os jornais devem ser analisados não como a “expressão verdadeira” ou um veículo imparcial de “transmissão de informações”, e sim como um “produto social”, um objeto de expectativas, posições e representações específicas (SCHWARCZ, 1987: 15). Não devemos nos esquecer também que, no período do Estado Novo, os jornais sofriam a censura do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), não sendo permitidos, portanto, críticas ao regime.

Já as entrevistas serão utilizadas com o aporte teórico da chamada história oral. Uma das vantagens da história oral é que, a capacidade de a entrevista contradizer generalizações sobre o passado amplia, pois, a percepção histórica – e nesse sentido permite a “mudança de perspectiva”(ALBERTI, 2005: 166). Assim como as entrevistas, o livro de memórias de Antonio Batista de Miranda também será importante, já que se trata do “relato de um paraense que vivenciou os tempos da Segunda Guerra Mundial” (MIRANDA, 1998: 5).

Para a análise das passeatas ocorridas em Belém serão utilizadas as ideias de Eric Hobsbawm e George Rudé acerca dos protestos populares.⁶ Apesar de algumas ressalvas a termos como “rebeldes primitivos” e “pré-político”⁷, de Hobsbawm utilizaremos a noção de “turba urbana”⁸, que realizava protestos para “chamar a atenção” do governante.⁹ Já Rudé propõe uma metodologia para o estudo dos protestos populares, considerando várias questões,

⁵ Essa expressão se refere aos imigrantes alemães, italianos e japoneses e seus descendentes que viviam no Brasil.

⁶ Eric Hobsbawm e George Rudé são historiadores que deram as primeiras contribuições aos estudos das revoltas urbanas. Esses estudos pioneiros “trouxeram para o primeiro plano e passaram a considerar seriamente diversas formas de protesto popular, com frequência subestimadas e mal interpretadas pela historiografia tradicional.” (PAMPLONA, 1996: 215).

⁷ Eric Hobsbawm analisa as formas “arcaicas” dos movimentos sociais na Europa nos séculos XIX e início do XX. O autor utiliza o termo “rebeldes primitivos” em relação aos participantes dessas manifestações porque não havia ainda um movimento de classe organizado numa era pré-industrial. Esse termo, além de outros como “pré-político”, “primitivo” e reativo (em oposição a pró-ativo) transmite a ideia de que os participantes desses movimentos não sabiam o que faziam ou eram, no mínimo, menos conscientes do que seus congêneres “revolucionários” do século XX. Esses termos hoje são criticados. (PAMPLONA, 1996: 220).

⁸ Segundo Marco Pamplona, a turba é sobretudo um fenômeno transicional e foi característica da metrópole pré-industrial clássica, mas também sobreviveu ao novo mundo das cidades e indústrias do capitalismo moderno. (PAMPLONA, 1996: 224).

⁹ Hobsbawm afirma que a turba clássica não se manifestava simplesmente pelo prazer de provocar tumultos, como protesto, mas porque esperava, com isso, conseguir alguma coisa. Supunha que as autoridades se sensibilizariam com seus movimentos e provavelmente também que fariam alguma concessão imediata. (HOBSBAWM, 1978: 115).

como quem fazia parte dos protestos, o alvo dos manifestantes, qual a finalidade dos protestos, a eficiência das forças de repressão, etc. (RUDÉ, 1991: 9-10).

As passeatas em Belém do Pará no ano de 1942

Ressurreição da alma cabana. O povo paraense viveu um grande dia. Vibrando em justa revolta contra os assassinos impiedosos dos nossos marujos. Ontem nas ruas, amanhã nas trincheiras na defesa da dignidade nacional e pela vitória da democracia. (O Estado do Pará. Belém, 19 ago. 1942: 1).

“Ressurreição da alma cabana” era o termo utilizado pelo jornal *O Estado do Pará* em sua manchete para se referir a passeata de protesto contra o Eixo ocorrida em Belém no dia 18 de agosto de 1942. O jornal paraense lembrava o movimento da Cabanagem do século XIX para exaltar a passeata do dia anterior.¹⁰ Assim como no movimento cabano, o povo saiu às ruas para demonstrar a sua insatisfação, desta vez tendo como estopim os últimos torpedeamentos de navios mercantes brasileiros.

No ano de 1942 identificamos quatro passeatas em Belém: em 23 de fevereiro, 4 de julho, 14 de julho, e a última em 18 de agosto de 1942. As passeatas tiveram organizadores diferentes: a primeira, segundo o jornal *O Estado do Pará*, foi “de iniciativa de um grupo de estudantes paraenses, compreendendo acadêmicos de direito, medicina e ginásios, comerciários e funcionários públicos.” (*O Estado do Pará*. Belém, 22 jan. 1942: 8). A passeata do dia 4 de julho foi organizada pelo próprio jornal *O Estado do Pará*, como aponta o anúncio: “Passeiata [sic] monstro de protesto contra o Eixo, vai ser organizada [sic] pelo O Estado do Pará.” (*O Estado do Pará*. Belém, 26 jun. 1942: 1.) Já a do dia 14 de julho, foi organizada novamente pelos estudantes; por fim, a do dia 18 de agosto foi promovida pelo Centro Pan-Americano de Cultura, cujo presidente era Mario Chermont, que convocava o

¹⁰ A Cabanagem foi uma revolta que ocorreu no Pará entre 1835 e 1840, no chamado período regencial. Ela incluía membros de diversas camadas sociais, como os pobres, negros e índios. O principal alvo dos cabanos era os brancos, especialmente os portugueses mais abastados. A Cabanagem recebeu interpretações diversas: ainda no século XIX o primeiro estudo de Domingos Antonio Raiol classificava o movimento como um “motim político”, interpretando-o mais pelo viés das “elites”, ou seja, de forma negativa; já ao longo dos anos de 1920 e 1930, o movimento cabano foi ganhando outros sentidos. Neste contexto, os cabanos deixaram de ser tratados como “malvados” e “sediciosos”, para se tornarem “patriotas”, conceito entendido como cidadãos adeptos da “causa brasileira”. Ainda nos anos 1930, nascia uma outra versão para a ação cabana, agora marcada por um posicionamento político-marxista. Caio Prado Júnior, de maneira precursora, atribuía aos cabanos da Amazônia do século XIX a prerrogativa de terem sido os únicos revolucionários populares e partidários de ideais libertários que conseguiram tomar o poder. (RICCI, 2007: 8-9).

povo “para um comício em protesto contra o afundamento de mais três navios brasileiros pelos bandidos do Eixo.” (*O Estado do Pará*. Belém, 18 ago. 1942: 6).

Podemos dizer que participaram das passeatas de protesto contra o Eixo diversas camadas sociais. Vários sindicatos, associações e estabelecimentos divulgavam nos jornais o seu apoio e a sua participação.¹¹ Por exemplo, o diretor do Colégio Paraense Paes de Carvalho e a União Acadêmica Paraense convocavam os estudantes; a União Geral dos Proletários do Pará e a Diretoria do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Gráficas convocavam os trabalhadores; o corpo docente do Instituto Carlos Gomes, conservatório de música, acompanhava as passeatas; além de vários estabelecimentos comerciais que encerraram as suas atividades mais cedo para que os seus empregados pudessem participar do protesto.

As passeatas ocorriam da seguinte maneira: em primeiro lugar os manifestantes se reuniam no local combinado, como em frente à redação do jornal *O Estado do Pará*, a Praça da Bandeira, Praça do Relógio e o Largo do Palácio. Em seguida eram realizados alguns discursos e a passeata tinha início, parando em alguns locais, como na Prefeitura, no Palácio do Governo, Colégio Nazaré, o Quartel General da 8ª Região Militar, a redação dos jornais *Folha do Norte* e *A Vanguarda*, o Consulado dos EUA e da Inglaterra. Nestes locais eram realizados novos discursos. Os oradores eram os mais diversos: na passeata do dia 4 de julho, por exemplo, discursaram dentre outros o tenente Edinaldo Weyne, a operária Esterlita Cavalcanti, o escritor De Campos Ribeiro, o acadêmico Ritacínio Pereira, o padre Damiro Ferreira, o general Zenóbio da Costa, o jornalista Fernando Maia, o interventor José Malcher. (*O Estado do Pará*. Belém, 05 jul. 1942: 1-5).

Os discursos eram de forte teor nacionalista, condenando os países do Eixo e seus espiões no Brasil, conhecidos como a quinta-coluna. O tenente Edinaldo Weyne em seu discurso denunciava “as maquinações dos quinta-columistas, conclamando o povo a não recuar na luta que iniciava”; o acadêmico Ritacínio Pereira “expressou a vontade de luta da mocidade acadêmica contra as pretensões da canalha fascista”; já o general Zenóbio da Costa

¹¹ Nas passeatas em outras cidades também havia a participação de várias associações. Segundo Cátia Dalmolin, os denominados “comícios de brasilidade” em Santa Maria, no Rio Grande do Sul, foram promovidos pelo *Ateneu Graça Aranha* e pela *Ala Democrática da Mocidade*. (DALMOLIN, 2006: 126-127). Já na Bahia, João Falcão afirma que algumas entidades organizavam as passeatas e o movimento contra o nazi-fascismo, como a *União Nacional dos Estudantes* (UNE), a *Sociedade de Amigos da América* e a *Liga de Defesa Nacional*. (FALCÃO, 1999: 21). No Rio de Janeiro, Angélica Müller destaca que o posicionamento contra o Eixo (grupo formado por Alemanha, Itália e Japão) em plena Segunda Guerra Mundial foi, sem dúvida, o primeiro grande momento protagonizado pela UNE. Müller ressalta a importância do movimento estudantil nas passeatas, que levou a opinião pública a tomar uma posição de repúdio ao Eixo. (MÜLLER, 2007: 18).

afirmava que “a terra paraense mostrava mais uma vez que estava decidida e disposta aos maiores sacrifícios, as maiores exigências da hora desde que se tratasse da defesa da integridade da Pátria.” (*O Estado do Pará*. Belém, 05 jul. 1942: 1-5).

Além dos discursos, os manifestantes participavam de várias formas: carregando bandeiras, cartazes, faixas e caricaturas apoiando o governo e de repúdio aos países do Eixo; cantando o hino nacional e outros hinos patrióticos. Já na passeata do dia 14 de julho os estudantes conduziram uma galinha pintada de verde, ficando “totalitariamente fantasiada”, representando os integralistas e a quinta-coluna. (*O Estado do Pará*. Belém, 15 jul. 1942: 1).

E o governo do Estado Novo? Qual a posição oficial diante das passeatas? Estava marcada para o dia 17 de março de 1942 mais uma passeata, promovida pelo Centro Pan-Americano de Cultura. No entanto, no dia 15 a Chefia de Polícia do Pará recebe um telegrama do chefe de Polícia do Distrito Federal, Filinto Müller¹², que proibia manifestações sob a alegação de “evitar depredações de propriedades” (*O Estado do Pará*. Belém, 15 mar. 1942: 8). Já no dia 17, o Departamento de Segurança Pública do Pará divulgava nota avisando que não iria permitir a passeata “por ordem superior, devendo todos os bons brasileiros confiar nas providencias que estão sendo tomadas pelo Governo” (*O Estado do Pará*. Belém, 17 mar. 1942: 8).

As passeatas só seriam permitidas novamente em julho de 1942, com a saída de Filinto Müller da chefia de Polícia do Distrito Federal.¹³ A polícia então acompanha as passeatas para evitar casos de violência e depredação, recebendo inclusive elogios do jornal *O Estado do Pará*, que destacava que “o policiamento, sob as ordens do dr. Galdino de Araujo esteve exemplar”. (*O Estado do Pará*. Belém, 05 jul. 1942: 5). Contudo, o policiamento não foi suficiente para evitar depredações e agressões, pelo menos no protesto do dia 18 de agosto.¹⁴

¹² A proibição das passeatas não pode ser dissociada também do fato de que Filinto Müller era um notório simpatizante da Alemanha e dos países do Eixo.

¹³ A saída de Filinto Müller está relacionada ao conflito que teve com Vasco Leitão da Cunha, então substituto do Ministro da Justiça, sobre a liberação da passeata do dia 4 de julho no Rio de Janeiro organizada pela União Nacional dos Estudantes. Müller impediu a realização da passeata, contudo os estudantes recorreram a Vasco Leitão da Cunha, que deu a autorização. A discussão entre Müller e Cunha termina com a prisão e posterior afastamento de Filinto Müller (SEITENFUS, 2003: 298).

¹⁴ Infelizmente, não encontramos até o momento fontes que revelem se houve prisões durante as passeatas de protesto. Embora se referindo a Revolta da Vacina ocorrida no Rio de Janeiro em 1904, o comentário de José Murilo de Carvalho é pertinente, quando afirma que o historiador brasileiro se vê em grande desvantagem no acesso as fontes em casos de revoltas populares, já que no Brasil “nunca havia processo contra o grosso dos presos. Processavam-se apenas os líderes, muitas vezes elementos da elite.” Os restantes eram simplesmente “colocados em navio e desterrados para algum ponto remoto” (CARVALHO, 1991: 113).

As passeatas eram representadas na imprensa como expressões do patriotismo da população, e quem dela não participasse ou as criticasse era rotulado como possível suspeito de agir contra o Brasil, a favor das nações do Eixo. Sob o título de “Guardem o nome desse homem”, o jornal *O Estado do Pará* relatava o seguinte caso:

[...] queremos denunciar de publico a atitude do proprietário da Livraria Globo, Alberto Pinheiro, que pessoalmente correu todos os estabelecimentos gráficos procurando impedir que os mesmo cerrassem as suas portas, alegando que o que se pretendia nada mais era do que “vadiagem”. Para este homem é vadiar quando se mobiliza para a defesa da Patria, quando se chama o povo à luta contra os espões, contra os inimigos internos e externos, quando se clama contra os assassinos dos nossos marujos, contra os detratores dos nossos homens públicos (O Estado do Pará. Belém, 05 jul. 1942: 8).

O jornal criticava a atitude de Alberto Pinheiro, que não queria fechar o seu estabelecimento comercial mais cedo para os empregados participarem das passeatas, talvez por causa dos prejuízos financeiros que iria ter. Contudo, para o jornal, atitudes como a do proprietário da Livraria Globo eram características dos quinta-colunistas, como indica uma reportagem do dia 9 de julho intitulada “Como reconhecer os Quinta-colunistas”. Esse “manual” afirmava que: os que tinham “a intenção de impedir que o povo compareça para manifestar sua repulsa ao Eixo”, dizendo que nas passeatas “vai haver barulho, vão quebrar, vai haver páu [sic], depredação, etc., o individuo que tal coisa disser é um Quinta-Colunista”. (*O Estado do Pará*. Belém, 09 jul. 1942: 8). Nesse sentido, estar presente nas passeatas de protesto contra o Eixo era quase que uma obrigação para demonstrar o seu patriotismo.

Dentre as passeatas de protesto, podemos dizer que a última no dia 18 de agosto foi a mais significativa, já que, devido à intensa comoção causada por sucessivos afundamentos nos dias anteriores¹⁵, muitas pessoas que estavam nos protestos perseguiram os “súditos do Eixo” que viviam em Belém, inclusive agindo com violência e depredando as residências e estabelecimentos destes. Esses afundamentos sucessivos provocaram repulsa na opinião pública, como demonstra a manchete *O Estado do Pará* do dia 18, “O povo pede vingança”, no qual afirma que “acaba de ser desferido contra a soberania do Brasil o mais ignominioso

¹⁵ No dia 15 de agosto o submarino alemão *U-507* afundou três embarcações brasileiras: o *Baependi*, o *Araraquara* e o *Aníbal Benévolo*. Segundo Francisco César Ferraz, morreram 551 pessoas, entre passageiros e tripulantes, apenas nesse dia. Nos quatro dias seguintes, mais três navios foram afundados: *Itagiba*, *Arará* e *Jacira*, com mais 56 mortes (FERRAZ, 2005: 40-41).

golpe que os salafreiros nazistas podiam desfechar” (*O Estado do Pará*. Belém, 19 ago. 1942: 1).

Os alvos das passeatas: os “súditos do Eixo”

A passeata do dia 18 de agosto se caracterizou sobretudo pela depredação de residências e estabelecimentos comerciais dos imigrantes e descendentes de alemães, italianos e japoneses. O jornal *O Estado do Pará* procurou em sua reportagem desvincular as agressões e depredações da passeata em si, apontando que estas foram responsabilidade de “elementos exaltados”.¹⁶ A reportagem cita a nota oficial do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda (DEIP) que afirmava que o “‘meeting’ decorreu em ordem”, contudo, “elementos exaltados” decidiram ir mais longe na sua revolta, “entrando a depredar estabelecimentos comerciais de súditos do Eixo e casas residenciais dos mesmos”. Apesar disso, a nota do DEIP esclarecia que “felizmente, não houve casos pessoais a lamentar, como também vale pôr em relevo que não se registrou a mais insignificante cena de pilhagem” (*O Estado do Pará*. Belém, 19 ago. 1942: 1).

No entanto, além das reportagens sobre as passeatas, podemos encontrar no jornal *O Estado do Pará* várias “declarações”, que nos trazem importantes pistas que contrapõem a nota do DEIP, a exemplo de:

Declaração

A firma Antonio Conde, proprietária das sapatarias “Tigre”, à Travessa 7 de Setembro, entre 13 de Maio de Conselheiro J. Alfredo e “Conde”, à praça Felipe Patroni, nº 103, declara que a sua nacionalidade é espanhola, estando devidamente legalizada [sic]. Que há 32 anos reside no Pará, sendo casado com brasileira, com filhos brasileiros e de ideias absolutamente contrárias ao Eixo (O Estado do Pará. Belém, 19 ago. 1942: 2).

A firma Lundgren & Cia. LTDA., proprietária das lojas “A Pernambucana”, com filiais em todas as capitais brasileiras e em muitas localidades do interior, com um corpo de empregados constituído de mais de treze mil (13.000) brasileiros, declara que é uma sociedade mercantil e industrial genuinamente brasileira, sendo brasileiro nato o seu chefe – Coronel Frederico Lundgren, - que, faz poucos meses, concorreu com um avião para a benemerita campanha contra os inimigos do Brasil (O Estado do Pará. Belém, 20 ago. 1942: 6).

¹⁶ Caso semelhante é constatado por Cátia Dalmolin nas passeatas em Santa Maria, quando afirma que o jornal *A Razão* “noticiou que os ferroviários, promotores do comício e da passeata que acabaram em depredações, nada tiveram a ver com o acontecido” (DALMOLIN, 2006: 141).

O que as declarações sugerem? O fato de tais estabelecimentos comerciais afirmarem que são brasileiros indica que eles foram alvo dos manifestantes das passeatas, provavelmente por serem suspeitos de pertencerem aos “súditos do Eixo”. Assim, é significativo que as declarações apareçam no jornal logo após as passeatas de protesto. Assim, com o objetivo de evitar novos prejuízos, esses estabelecimentos procuraram demonstrar seu “brasileirismo” e repúdio ao Eixo.¹⁷

Além dos estabelecimentos comerciais, o jornal *O Estado do Pará* também divulgava declarações individuais, como a de Julio Schlanger:

“Julio Schlanger”

Comerciante, brasileiro naturalizado [sic], declara que, sendo membro da Comunidade Israelita, sua conduta no que diz respeito ao momento político internacional, só pode ser, como sempre foi, de combate sem tréguas aos inimigos de sua religião e raça, que são os inimigos da Democracia. Assim, faz esta declaração para que possíveis enganos, à vista de seu nome estrangeiro, não venham de futuro envolver sua pessoa ou firma (O Estado do Pará. Belém, 21 ago. 1942: 6).

Julio Schlanger, um brasileiro naturalizado, ao ver as repercussões das passeatas provavelmente ficou temeroso em passar o mesmo que as vítimas das agressões e tratou logo de expressar o seu “brasileirismo” e repúdio ao Eixo. É possível que aqueles que tinham nomes estrangeiros, mesmo não pertencendo às nações do Eixo, tenham sido alvos dos protestos.

As memórias de pessoas que viveram aquele período são fontes que podem nos dizer mais do que os jornais. Ao contrário da nota do DEIP, as memórias nos sugerem consequências bem mais graves para os imigrantes e descendentes de alemães, italianos e japoneses. Desse modo, as memórias se tornam um contraponto ao que foi divulgado pelos jornais, que por estar sob censura expressavam o ponto de vista oficial.¹⁸

Sobre as depredações, Elias José Tuting relata que após os afundamentos dos navios brasileiros por submarinos do Eixo, “vinha o doutor Mário Chermont, um político, ele vinha com uma porção de gente andando de lá pra cá pedindo pra nós justamente pra fazer justiça.”

¹⁷ Essas “declarações” também foram publicadas no jornal *A Razão*, de Santa Maria, e foram denominadas por Cátia Dalmolin de “publicidades patrióticas”. (DALMOLIN, 2006: 146).

¹⁸ George Rudé aponta para o cuidado que o historiador deve ter com as fontes ao analisar os protestos populares. As fontes geralmente apresentam os protestos com o ponto de vista do governo e das classes altas, sendo carregadas de estereótipos em relação aos manifestantes. Os participantes dos protestos raramente registram suas impressões acerca das revoltas. Rudé assinala então que o historiador deve trabalhar com outros tipos de fontes (RUDÉ, 1991: 11).

(TUTING, 2008). Segundo o entrevistado, lojas como a *Pernambucana*, loja que vendia tecidos, e a joalheria *Krause*, cujos proprietários eram alemães, e a sapataria *Grisólia*, cujo proprietário era italiano, foram depredadas e vítimas de saques.

Raimundo Nonato de Castro também se recorda dos protestos da população contra o Eixo. O que mais chamou a atenção dele foram os saques ocorridos na loja *Pernambucana*, quando estivadores (que foram reconhecidos devido ao uniforme que usavam) “com as peças de fazenda por baixo do casaco uniformizado, eles abraçando assim pra não cair e eles correndo.” Aproveitaram aquela situação “e levaram a quantidade de fazenda que puderam” (CASTRO, 2008).

Os dois depoimentos sugerem que, ao contrário do que afirmou a nota do DEIP no jornal *O Estado do Pará*, houve vários casos de furtos. A população, em atitude de vingança pelos afundamentos dos navios mercantes, procurou prejudicar os “súditos do Eixo”, atacando os estabelecimentos comerciais destes.

Sobre as agressões aos “súditos do Eixo”, Raimundo Nonato de Castro nos relata que tomou conhecimento de um caso em que uma japonesa foi agredida:

[...] um grupo que estava lá, uma espécie assim, de, querendo agredir, mas se limitaram de pegar uma japonesa né, pelo cabelo, e pegavam a japonesa e diziam pra ela assim: “Diz viva o Brasil”. Ela dizia: “Viva Japón” [sic]. Aí eles pegavam um tanque lá, um botijão, um negócio com água, eles pegavam punham a cabeça da japonesa dentro daquele tanque de água né? Aí tiravam e diziam pra ela assim: “Agora diz viva o Brasil”. Aí ela dizia: “Viva o Japón” [sic]. Aí pôs de molho de novo, quando eles [os policiais] chegaram, pegaram o pessoal, então afastaram o pessoal (CASTRO, 2008).

Alonso Rocha, entrevistado por Venize Rodrigues, também se recorda da invasão à Praça da Bandeira, em uma “quitanda dos japoneses, cheia de frutas, tomates. O pessoal invadindo e a velha chorando, abraçando uma bandeira brasileira, com criança e o marido e eles arrebetando tudo” (ROCHA. *apud* RODRIGUES, 2010: 213). Esses relatos sugerem que a violência foi bem maior do que o anunciado pelo jornal. Nos casos citados as vítimas foram japoneses que residiam em Belém, possivelmente vistos pelos manifestantes como espiões a serviço do Eixo.

É provável que em Belém os japoneses tenham sido as maiores vítimas de agressões. A colônia japonesa no Pará é uma das maiores do Brasil, e, portanto mais numerosa do que as

colônias de alemães e italianos.¹⁹ Além disso, dentre os “súditos do Eixo” havia uma aversão maior ao japonês, principalmente relacionada às teorias raciais que vinham desde o século XIX: o japonês era visto como pertencendo à “raça amarela”, em oposição à “raça branca” cujo exemplo era o europeu.²⁰ No período da Segunda Guerra Mundial essas teorias racistas voltam à tona. Como o japonês agora é visto como “inimigo”, a imprensa vai passar a publicar reportagens somente depreciando o japonês.²¹ Nesse momento, a questão racial vai atingir um público maior, já que a imprensa de certa forma populariza o termo “amarelo” e “raça amarela” em relação aos japoneses.

A agressão aos “súditos do Eixo”, sobretudo aos japoneses, foi estimulada pelo discurso nacionalista, bastante difundido pelo Estado Novo. Segundo Denise Zago, Vargas fez uso do recurso do nacionalismo, ou seja, “criou a imagem de um inimigo a fim de criar uma imagem capaz de evidenciar os valores nacionais em prejuízo de valores estrangeiros, ou seja do inimigo criado” (ZAGO, 2006: 4). Guillermo Ruben aponta que essas idéias foram utilizadas para amortecer diferenças internas que se desenvolvem no interior do território nacional, “pois antes, e sobre todas as diferenças e conflitos - afirma-se nesta perspectiva - jaz um patrimônio comum que devemos honrar e defender” (RUBEN, 1984: 18).

Apesar do jornal *O Estado do Pará* elogiar as passeatas de protesto, vistas como expressões do sentimento de patriotismo do povo, as memórias nos indicam que as passeatas tiveram um aspecto mais negativo. Nesse sentido é oportuno citar o depoimento de Raimundo Nonato de Castro e o livro de memórias de Antonio Batista de Miranda, já que ambos fizeram parte da Força Expedicionária Brasileira (FEB), sendo que Castro chegou a ir para a Itália para participar da guerra. Os dois possuem uma visão bastante peculiar acerca das passeatas de protesto contra o Eixo:

¹⁹ No Pará, as famílias japonesas começaram a chegar a partir de 1929 e, diferentemente do que aconteceu em São Paulo, quando a imigração era direcionada para as lavouras cafeeiras, os japoneses que aqui aportaram se destinavam ao povoamento da região amazônica. Os primeiros imigrantes foram instalados numa colônia agrícola implantada por uma empresa japonesa em Tomé-Açu (SILVA NETO, 2007: 34).

²⁰ Alcir Lenharo aponta que a teoria de Gilberto Freyre sobre o triângulo das raças que constituem o Brasil estava muito em voga nos anos 30, e que o japonês era visto como o “ângulo novo não previsto no triângulo - a diferença insuportável - a ameaçar o mito triangular destinado a embranquecer o brasileiro”. (LENHARO, 1986: 128).

²¹ Segundo Rosangela Kimura, em São Paulo [e em todo o Brasil] atribuía-se comumente aos japoneses a culpa de todas as privações que a guerra impunha aos brasileiros, até mesmo o racionamento de alimentos. De acordo com alguns jornais, os japoneses eram “vampiros do solo”, praticantes de uma “agricultura predatória”, sendo eles os principais responsáveis pela escassez de gêneros de primeira necessidade de que sofria a população (KIMURA, 2007: 27).

Os estudantes, que a maioria eram os estudantes né que lideravam isso, dos níveis de faculdade e ginásio [diziam] “nós queremos trocar a caneta pelo fuzil”. Isso foi dito. Só que a realidade é diferente, quando chegou a hora da convocação não houve um voluntariado que se esperava. [...] O que se disse depois, “na hora da cobra fumar”, só mesmo aqueles que foram conscientes do dever a cumprir que estavam presentes (CASTRO, 2008).

Aí é que se iria conhecer verdadeiramente os jovens que na hora protestavam, aos brados, contra os ataques à soberania brasileira, na base do “Queremos justiça para os nossos patrícios da Marinha Mercante, covardemente mortos pelos torpedos nazistas! Exigimos que o Brasil declare guerra ao Eixo! Deem-nos armas!, queremos vingar nossos irmãos brasileiros!!” Da grande turba que lotava as ruas e praças em discursos inflamados, somente uns vinte teriam a coragem de se apresentarem para o alistamento. [...] Como diz o antigo ditado: “Falar é fácil, agir é que são elas!” (MIRANDA, 1998: 52-53).

As citações acima nos revelam que as memórias acerca das passeatas são bem distintas do discurso propagado nos jornais. É importante destacarmos que tanto Raimundo Castro quanto Antonio Miranda são ex-combatentes, logo tendem a valorizar as suas atuações e a de seus companheiros no contexto da Segunda Guerra. Desse modo, comparam as suas trajetórias à das pessoas que participaram das passeatas de protesto. Para Castro e Miranda, essas pessoas não expressaram o seu patriotismo, ao contrário dos ex-combatentes, que serviram à pátria como convocados ou voluntários, na luta contra o Eixo. O argumento dos dois é semelhante: a maioria dos manifestantes teria ficado apenas no discurso, mas na hora do alistamento para ir à guerra, na “hora da cobra fumar”, poucos teriam demonstrado o seu amor à pátria, já que poucos se ofereceram para ir combater o Eixo na guerra.

Uma interpretação: as passeatas para “chamar a atenção” do governante

Diante de tudo o que foi exposto até o momento, qual a interpretação que podemos ter das passeatas de protesto contra o Eixo? Ou como diz George Rudé acerca dos protestos de rua, “quais as consequências do fato e qual sua significação histórica?” (RUDÉ, 1991: 10).

João Falcão, que analisa as manifestações ocorridas na Bahia, afirma que “a participação das massas populares” foi a principal responsável pela entrada do Brasil na guerra e pelo envio da FEB à Itália (FALCÃO, 1999: 21). Cabe ressaltar que a obra de Falcão trata-se também de um livro de memórias, já que “o autor, ao ser convocado como soldado era jovem comunista militante e participou, direta ou indiretamente, de muitos dos atos e das iniciativas a que se refere” (FALCÃO, 1999: 11). Desse modo, a militância no Partido Comunista faz com que João Falcão valorize o papel do povo brasileiro, chegando a dizer que

a mobilização do povo no contexto da Segunda Guerra Mundial foi a maior já vista na história do Brasil:

Nunca, em nossa história, nem mesmo no recente movimento das Diretas já, foi tão decisiva a participação das massas populares na definição dos destinos do país. O Brasil jamais assistiu um movimento popular daquela envergadura, que reuniu em todo o país centenas de milhares de pessoas (FALCÃO, 1999: 21).

Assim, para Falcão, o grande responsável pela entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial é o povo, que lutava tanto contra o nazi-fascismo quanto pelo fim da ditadura do Estado Novo e pelo restabelecimento da democracia.

Já Roney Cytrynowicz, que analisa o cotidiano de São Paulo no contexto da Segunda Guerra, aponta dois caminhos para se interpretar as passeatas de protesto: pode ter sido a “irrupção de um sentimento anti-Estado Novo que se combinou com um nacionalismo e algum tipo de reivindicação democrática”, ou também o “momento mais ou menos escolhido pelo próprio governo para mobilizar a oposição em torno da agressão ao país, de forma a manter a coesão em torno do regime e neutralizar a oposição que começava a surgir” (CYTRYNOWICZ, 2000: 332).

No caso das passeatas em Belém, e de acordo com as fontes que temos disponíveis até o momento, optamos por uma interpretação diferente de Falcão e Cytrynowicz, a partir das ideias de Eric Hobsbawm e George Rudé. Apesar das passeatas exigirem uma resposta do Brasil aos afundamentos dos navios mercantes, e terem como alvo os “súditos do Eixo” que viviam em Belém, interpretamos que o principal objetivo dos protestos era “chamar a atenção” do governante, no caso, o presidente Getúlio Vargas, para que ele tomasse providências no sentido de melhorar a situação enfrentada pela população naquele contexto. Para entendermos a questão do “chamar a atenção” das passeatas pretende-se ir além da simples ideia de que elas aconteceram somente pelos afundamentos dos navios mercantes brasileiros pelo Eixo. Torna-se importante entender o contexto do período e todas as dificuldades que a população passava. Fontes como jornais, folhetos de cordel e entrevistas podem nos ajudar nesse sentido.

Apesar de Belém não fazer parte diretamente do conflito mundial, a cidade passou por várias dificuldades e privações no contexto da guerra, como o desabastecimento de alimentos, já que os produtos que dependiam dos navios para chegarem ao mercado na década de 1940 tiveram dificuldades em virtude do risco de afundamentos por submarinos do Eixo. Um bom

exemplo disso é o açúcar, que faltou no Pará durante o período da guerra. Segundo Edilza Fontes, esse produto era importado pelo Pará de estados como São Paulo, Rio de Janeiro e Pernambuco. Nesse contexto, em virtude das dificuldades da chegada de açúcar ao porto de Belém, “a população adoçava o café com caldo de cana” (FONTES, 2002: 222).

Nesse tempo a prefeitura entregava cartões de racionamento aos chefes de famílias recenseadas, com cupons que lhes asseguravam uma quantidade de carne verde, de porcos ou vísceras, duas vezes por semana. O fornecimento era determinado por família, passando-se meses sem carne e pescado. Formavam-se “filas enormes, com milhares de pessoas se acotovelando horas a fio à espera de que açougueiros anunciassem que havia terminado a venda” (FONTES, 2002: 227). Edilza Fontes indica que na memória dos homens daquele período, há a “visão de que houve uma quebra da qualidade de vida e um aprofundamento da miséria” (FONTES, 2002: 225).

Soma-se a isso o aumento dos preços dos alimentos na cidade, em decorrência também da presença de norte-americanos na base de Val de Cans. Conforme a memória de Alonso Rocha, “os americanos vieram para cá e a vida começou a ficar mais cara, porque eles compravam tudo: os ovos, o mercado. Então, todos queriam vender para o americano, pagava mais” (ROCHA. *apud* RODRIGUES, 2010: 208).

Até mesmo alimentos típicos da alimentação do paraense como o açaí, a farinha e o caranguejo aumentaram de preço na época da guerra. É interessante citarmos a reportagem do jornal *O Estado do Pará* do dia 12 de março de 1942, intitulada “O carangueijo (sic) vem da Alemanha, da Itália ou do Japão? – A verdade é que subiu de preço e ninguém sabe porque”, na qual o jornal comentava sobre a alta do preço do caranguejo. A reportagem se iniciava relatando como era o comércio do caranguejo “antigamente”, no período anterior à guerra, quando se comprava um “côfo (sic) de caranguejo por oitocentos réis” e o vendedor, quando o freguês se ia retirando “ainda lhe atirava às costas mais dois caranguejinhos de ‘quebra.’” (*O Estado do Pará*. Belém, 12 mar. 1942: 1).

Contudo, a realidade no contexto da guerra era outra. Segundo o jornal, “Estão vendendo o crustáceo saboroso a três por mil réis.” Além do preço, outra reclamação dizia respeito ao tamanho do caranguejo: “E que tamanho diminuto. Já parece mais sarará.” A explicação dos vendedores era de que a culpa pela situação era da guerra, mas o jornal rebate essa afirmação, dizendo que nos manguezais de municípios como Vigia, Curuçá, São Caetano de Odivelas, Marapanim, Maracanã e Salinas “o caranguejo continua a proliferar”, já que a

guerra “não alterou em nada a vida desses bichinhos de pernas que dão um passo para frente e dois para traz. São criados á lei da natureza, sem cultura especializada, multiplicando-se indefinidamente” (*O Estado do Pará*. Belém, 12 mar. 1942: 1).

Quem seria então o culpado pela situação? Para o jornal *O Estado do Pará* a culpa seria do “atravessador”, que “adquire centenas de côfos (sic) e vai depois retalhar o ‘stock’ pedindo cinicamente um preço alarmante por aquilo que lhe veio às mãos por quantia infinitamente inferior” (*O Estado do Pará*. Belém, 12 mar. 1942: 1).

Aqui cabe um questionamento: será que a população de Belém também culpava o “atravessador” pelo alto preço do caranguejo, conforme apontava *O Estado do Pará*? Não sabemos se a população aceitava ou conhecia essa explicação do jornal. Entretanto, podemos afirmar que a maioria da população conhecia a versão de que a culpa do encarecimento dos alimentos era relacionada à guerra, já quando as pessoas iam comprar o caranguejo e conferiam o preço, o vendedor provavelmente já dava a sua justificativa, a de que o caranguejo estava caro por causa da guerra mundial.

Além dos jornais, a literatura de cordel também citava a alta de preços nos alimentos no período da guerra.²² No folheto *A Allemanha comendo fogo*, cuja primeira edição foi publicada possivelmente em 1941, o poeta Zé Vicente não deixa de lembrar o fato de que apesar de a guerra estar sendo travada na Europa ela traz consequências ao Brasil. O poeta aponta alguns efeitos da guerra mundial para o Brasil, como a crise no abastecimento de alimentos e o encarecimento dos gêneros alimentícios:

*Por causa dessa desgraça
tudo agora encareceu;
a farinha, a gurijuba
já seu preço suspendeu;
até couro de calangro
já na praça se vendeu.* (VICENTE, 1945: 14).

Outro poeta que faz referência às dificuldades da população em comprar os alimentos é o Dr. Mangerona Assú, pseudônimo de Romeu Mariz, no folheto *A greve dos Carapanãs*. Nesse folheto, a crise no abastecimento de alimentos vem à tona, uma vez que foi um dos principais problemas no Pará do tempo da Segunda Guerra Mundial:

Tudo custa um dinheirão;

²² Sobre as representações da Segunda Guerra Mundial na literatura de cordel produzida no Pará, ver MENEZES NETO, 2008.

*o cambio anda rasteiro;
tudo levanta de preço:
a carne do açogueiro,
o café, o pão, farinha,
a banana do fructeiro!* (ASSÚ, s/d: 14).

No período da guerra Belém também passou por problemas relacionados à falta de energia elétrica. Segundo Melo Pinon, “as principais ruas e avenidas da cidade costumavam ficar horas e horas sem fornecimento de energia elétrica causando prejuízos e aborrecimentos a população”. O conflito mundial acentuou o processo de decadência da Companhia Paraense de Eletricidade, também conhecida como *Pará Eletric*, já que “a usina de produção de energia era precária, sendo o bom funcionamento de seus equipamentos diretamente dependente da importação de óleo diesel, produto extremamente caro e escasso nos tempos de Guerra Mundial” (PINON, 2007: 37). Desse modo, essa situação tumultuava o bom andamento da vida urbana na cidade de Belém “causando transtornos sem tamanho para as indústrias, os transportes públicos, os cinemas, e principalmente à população” (PINON, 2007: 38).

A *Pará Eletric* igualmente era responsável pelo sistema de bondes da capital paraense. Assim, a população também teve dificuldades com os transportes: “Incêndios, descarrilamentos, colisões de Bondes, superlotação dos veículos, mutilações e mortes foram as consequências da precariedade dos transportes da *Pará Eletric*” (PINON, 2007: 51).

Além disso, havia o chamado treinamento de defesa passiva antiaérea, no qual toda a população tinha que fechar suas casas e estabelecimentos comerciais e apagar as luzes. Segundo Antonio Miranda, a Defesa Civil simulava os preparativos de um ataque, “as pessoas procuravam locais mais seguros para se abrigarem e os aviões americanos vindo das Antilhas faziam voos rasantes sobre a cidade” (MIRANDA, 1998: 27). Tudo isso afetava a população de Belém, que, mesmo não fazendo parte do conflito mundial, sentia os efeitos como se já estivesse em guerra.

Nesse sentido, antes das passeatas já havia uma insatisfação pelas dificuldades enfrentadas pela população. E essa insatisfação foi direcionada não contra o governo, mas contra os países do Eixo, que seriam os responsáveis pela guerra e por todos os males dela decorrentes. A propaganda do Estado Novo transmitia a imagem de que Vargas era o “pai dos pobres”, o chefe da nação brasileira que, através da legislação trabalhista, atendia aos apelos

dos trabalhadores brasileiros.²³ Além disso, havia outro componente que ajudava a reforçar essa imagem: o nacionalismo. Getúlio Vargas e o Brasil eram um só, ir contra o líder era ir contra a própria nação brasileira.²⁴

Assim, as passeatas em Belém não tinham como objetivo principal protestar contra Getúlio e o Estado Novo, apesar de possivelmente ela ter tido a participação de comunistas e de opositores ao governo, como em outras cidades do Brasil. O forte sentimento nacionalista não permitia divisões naquele momento, era necessária a união em torno do presidente Getúlio Vargas para que o Brasil, junto dos Aliados, vencesse a guerra.

Não por acaso, nas passeatas eram carregadas bandeiras e cartazes em homenagem ao presidente Getúlio Vargas e aos líderes das nações aliadas como aponta o jornal *O Estado do Pará*:

A passeata, que terá como ponto de partida a rua Campos Sales, em frente a redação do O Estado, conduzirá cartazes, bandeiras e fotografias de países e personalidades das nações aliadas na luta contra a sanha totalitária, destacando-se os retratos dos srs. Presidente Getulio Vargas, Roosevelt e Winston Churchill. (O Estado do Pará. Belém, 22 fev. 1942: 8).

As passeatas tinham uma exigência imediata, de que o governo fizesse justiça, ou seja, tomasse providências para responder ao ataque do Eixo aos navios mercantes, ataques que causaram a morte de centenas de brasileiros. Mas a exigência da declaração de guerra não era apenas por isso. Era também para que o governo acabasse com as dificuldades pelas quais a população estava passando, como o desabastecimento de alimentos, o aumento nos preços dos gêneros alimentícios, e o racionamento de energia. E a única solução que a população enxergava para o fim das dificuldades era que o Brasil entrasse na guerra contra o Eixo, pois a propaganda do Estado Novo passava a ideia de que a culpa por todas essas privações era da guerra, e não do governo, nem de Getúlio Vargas. O Brasil entrando na guerra, além de vingar os brasileiros mortos, terminaria com essas privações que o povo estava passando, com a situação voltando à normalidade. Ao ver as passeatas, Getúlio, o “pai dos pobres”, se

²³ As várias manifestações cívicas criadas pelo Estado Novo que ocorriam normalmente em campos de futebol, como o Dia da Raça, o Dia da Pátria, a Semana da Independência, e o Dia do Trabalho, transformaram-se em momentos míticos e quase religiosos de louvação ao país e a seu “chefe” (ARAÚJO, 2000: 36).

²⁴ Nesse contexto destaca-se a atuação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), órgão responsável pela propaganda do governo e que também efetuava a censura a todos os veículos da imprensa (ARAÚJO, 2000: 38).

sensibilizaria com os apelos do povo e atenderia os seus pedidos, cumprindo o seu dever, que era o de realizar a justiça.

Desse modo, os cartazes e faixas conduzidos durante as passeatas são reveladores, com legendas que diziam dentre outras coisas: “Com Getulio Vargas pela Pátria e pela Democracia!”; “Todo o apoio ao chefe da Nação, presidente Vargas!”; “Defini-vos covardes. Ou estás com o Brasil ou contra o Brasil!” (*O Estado do Pará*, Belém, 15 jul. 1942: 1). Tais legendas indicam que a passeata não era contra o governo, ao contrário, apoiava o governo, mas também fazia uma cobrança, exigia uma resposta, que se tornaria possível a partir da declaração de guerra, o que acabaria ocorrendo em 22 de agosto de 1942.

Fontes

Entrevistas

CASTRO, Raimundo Nonato de. Entrevista concedida a Geraldo Magella de Menezes Neto em Belém, 5 de maio de 2008

TUTING, Elias José. Entrevista concedida a Geraldo Magella de Menezes Neto em Belém, 12 de agosto de 2008.

Jornais

O Estado do Pará. Belém, edições do ano de 1942 – localizado na Biblioteca Pública Arthur Vianna, da Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves, em Belém.

Folhetos de cordel

ASSÚ, Dr. Mangerona. *A greve dos carapanãs*. Belém: Guajarina, edição s/d.

VICENTE, Zé. *A Alemanha comendo fogo*. Belém: Guajarina, edição de jul. 1945.

Referências Bibliográficas

ALBERTI, Verena. “Histórias dentro da História”. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

ARAÚJO, Maria Celina D’. *O Estado Novo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2000.

CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

CYTRYNOWICZ, Roney. *Guerra sem guerra: a mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Geração Editorial; EDUSP, 2000.

DALMOLIN, Cátia Regina Calegari. *Em nome da Pátria: as manifestações contra o Eixo em Santa Maria, no dia 18 de agosto de 1942*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de Passo Fundo – UPF, Passo Fundo, 2006.

- FALCÃO, João. *O Brasil e a segunda guerra mundial: testemunho e depoimento de um soldado convocado*. Brasília: Editora da UNB, 1999.
- FERRAZ, Francisco César. *Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- FONTES, Edilza Joana de Oliveira. *O pão nosso de cada dia: trabalhadores e indústria da panificação e a legislação trabalhista (Belém 1940-1954)*. Belém: Paka-Tatu, 2002.
- _____. “A batalha da borracha, a imigração nordestina e o seringueiro: A relação história e natureza”. In: NEVES, Fernando Arthur de Freitas e LIMA, Maria Roseane Pinto (orgs.). *Faces da História da Amazônia*. Belém: Paka-Tatu, 2006.
- HOBBSAWM, Eric. *Rebeldes primitivos: estudos sobre formas arcaicas de movimentos sociais nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- _____. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- KIMURA, Rosângela. Perigo amarelo. *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Ano 2, n. 20, Maio de 2007, pp. 26-27.
- LENHARO, Alcir. *Sacralização da política*. Campinas: Papyrus, 1986.
- MENEZES NETO, Geraldo Magella de. *A Segunda Guerra Mundial nos folhetos de cordel do Pará*. 82 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Federal do Pará - UFPA, Belém, 2008.
- MIRANDA, Antônio Batista de. *Guerra: memórias... destino...* . Belém: Evolution, 1998.
- MÜLLER, Angélica. Alunos fora do Eixo. *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro, ano 2, n. 20, Maio de 2007, pp. 18-21.
- PAMPLONA, Marco. A historiografia sobre o protesto popular: uma contribuição para o estudo das revoltas urbanas. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, n. 17, 1996, pp. 215-238.
- PINON, Alerrandson Afonso Melo. *Belém durante a Segunda Guerra Mundial: problemas de alimentação, energia elétrica e transporte (1939-1945)*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Federal do Pará - UFPA, Belém, 2007.
- RICCI, Magda. Cabanagem, cidadania e identidade revolucionária: o problema do patriotismo na Amazônia entre 1835 e 1840. *Tempo*. vol.11, n. 22, Niterói, 2007, pp. 5-30.
- RODRIGUES, Venize Nazaré Ramos. “Memórias de guerra”. In: FARES, Josebel Akel (org.). *Memórias da Belém de antigamente*. Belém: EDUEPA, 2010, pp. 207-215.
- RUBEN, Guillermo Raúl. *O que é nacionalidade*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- RUDÉ, George. *A multidão na história: estudo dos movimentos populares na França e na Inglaterra, 1730-1848*. Rio de Janeiro: Campus, 1991.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Retrato em branco e negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- SEITENFUS, Ricardo. *O Brasil vai à guerra: o processo do envolvimento brasileiro na Segunda Guerra Mundial*. 3 ed. Barueri – SP: Manole, 2003.
- SILVA NETO, Francisco Rodrigues da. *Os japoneses no Pará: um estudo sobre a construção de identidades*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Pará – UFPA, Belém, 2007.

